

Tribuna Operária

Nº 10, ANO 1, DE 22 DE MARÇO A 4 DE ABRIL DE 1980

PREÇO DE VENDA EM BANCAS: Cr\$ 10,00

Chumbo grosso na lei-arrocho

ABC, portuários; a democracia operária está de volta para combater a ditadura dos salários (Última página).



Tarefa urgente para derrubar a ditadura

Pág. 3

Vitória das mulheres no segundo congresso

Pág. 4

Falam operários da Tendência Popular

Pág. 3



Em Salvador 1º Encontro Nacional da Carestia

Veja na Pág. 4

Em Santos uma greve de raça

Para o governo, é uma greve três vezes ilegal porque ocorre em área de segurança nacional, porque os portuários são "categoria essencial" e porque outras categorias entraram em greve em solidariedade, o que é proibido pela lei de greve. Além do mais, é um desafio aberto à nova lei de arrocho salarial, decretada em novembro e regulamentada há poucos dias pelo general Figueiredo, porque os portuários exigem reajuste acima dos índices impostos pela ditadura.

Mas é uma greve legítima, porque em defesa das justas aspirações dos trabalhadores do cais. É uma greve maciça, unânime, que nem precisou de piquetes. A ela o regime respondeu com sua habitual truculência, mandando tropa de fuzileiros navais para esmagá-la. Mesmo que não consiga outras conquistas, já é uma luta vitoriosa só porque através dela os portuários levantaram a cabeça após 16 anos de opressão.

Veja na última página.

Editorial

Os grevistas com a palavra

Para surpresa de alguns, a nova lei salarial provocou o refluxo do movimento grevista. Conforme vai chegando a época de seus dissídios, um número cada vez maior de categorias de trabalhadores entra na luta, com uma disposição igual ou maior do que no ano passado e certamente com um nível de organização mais elevado.

Como isso pode estar acontecendo, se há falta de lideranças mais consequentes, se a consciência política dos trabalhadores ainda é relativamente baixa? Não se poderá entender essa situação se não se compreender a gravidade das condições de vida dos trabalhadores. No Brasil, pagam-se salários dos mais baixos do mundo. Esse profundo rebaixamento dos níveis salariais foi possível por diversos fatores, entre eles a política de arrocho imposta pela força pela ditadura militar, desde 1964 quando desmantelou o movimento sindical.

Um outro fator foi o excesso de mão-de-obra disponível, alimentado pela expulsão de milhões de camponeses de suas terras. Essa imensa massa desempregada não tem outra saída senão oferecer-se para trabalhar por qualquer salário e assim provoca o rebaixamento dos salários em geral, facilita a rotatividade no emprego etc.

Nos últimos anos, com a crise do modelo econômico e a rápida elevação da inflação a níveis altíssimos, o valor de compra dos salários reduziu-se drasticamente. Dessa forma, já não são somente os milhões de desempregados os que passam fome. Grande parte dos empregados também estão passando por grandes dificuldades, quando não, passando fome mesmo. E este é o motor de sua insatisfação, o deflagrador inicial de sua disposição de luta. E como o regime está em crise, como para os capitalistas a saída para a crise é jogar o peso dela sobre os trabalhadores, é inevitável que estes continuem indo à luta, cada vez com mais vigor.

A qualidade das lideranças sindicais é fator importante para o destino das lutas. Mas, ainda que elas sejam vacilantes, a luta pode ocorrer e vitórias serem obtidas, como tem ocorrido. Porque são os trabalhadores que fazem a luta. O exemplo está à vista: tanto têm ido à greve categorias que têm lideranças combativas como aquelas que estão submetidas a pelegos. Isto porque a força, o poder de lutar e conquistar vitórias estão de fato nas mãos das amplas massas de trabalhadores. Esta força é a base da organização, da educação política e do avanço da classe operária.



Na porta do Sindicato, o assunto é a greve. Nem foi preciso piquete

Tribuna da Luta Operária

Nº 10, ANO 1, DE 22 DE MARÇO A 4 DE ABRIL DE 1980

PREÇO DE VENDA EM BANCAS: Cr\$ 10,00

Chumbo grosso na lei-arrocho

ABC, portuários; a democracia operária está de volta para combater a ditadura dos salários (Última página).



Tarefa urgente para derrubar a ditadura

Pág. 3

Vitória das mulheres no segundo congresso

Pág. 4

Falam operários da Tendência Popular

Pág. 3



Em Salvador 1º Encontro Nacional da Carestia

Veja na Pág. 4

Em Santos uma greve de raça

Para o governo, é uma greve três vezes ilegal porque ocorre em área de segurança nacional, porque os portuários são "categoria essencial" e porque outras categorias entraram em greve em solidariedade, o que é proibido pela lei de greve. Além do mais, é um desafio aberto à nova lei de arrocho salarial, decretada em novembro e regulamentada há poucos dias pelo general Figueiredo, porque os portuários exigem reajuste acima dos índices impostos pela ditadura.

Mas é uma greve legítima, porque em defesa das justas aspirações dos trabalhadores do cais. É uma greve maciça, unânime, que nem precisou de piquetes. A ela o regime respondeu com sua habitual truculência, mandando tropa de fuzileiros navais para esmagá-la. Mesmo que não consiga outras conquistas, já é uma luta vitoriosa só porque através dela os portuários levantaram a cabeça após 16 anos de opressão.

Veja na última página.

Editorial

Os grevistas com a palavra

Para surpresa de alguns, a nova lei salarial não provocou o refluxo do movimento grevista. Conforme vai chegando a época de seus dissídios, um número cada vez maior de categorias de trabalhadores entra na luta, com uma disposição igual ou maior do que no ano passado e certamente com um nível de organização mais elevado.

Como isso pode estar acontecendo, se há falta de lideranças mais consequentes, se a consciência política dos trabalhadores ainda é relativamente baixa? Não se poderá entender essa situação se não se compreender a gravidade das condições de vida dos trabalhadores. No Brasil, pagam-se salários dos mais baixos do mundo. Esse profundo rebaixamento dos níveis salariais foi possível por diversos fatores, entre eles a política de arrocho imposta pela força pela ditadura militar, desde 1964 quando desmantelou o movimento sindical.

Um outro fator foi o excesso de mão-de-obra disponível, alimentado pela expulsão de milhões de camponeses de suas terras. Essa imensa massa desempregada não tem outra saída senão oferecer-se para trabalhar por qualquer salário e assim provoca o rebaixamento dos salários em geral, facilita a rotatividade no emprego etc.

Nos últimos anos, com a crise do modelo econômico e a rápida elevação da inflação a níveis altíssimos, o valor de compra dos salários reduziu-se drasticamente. Dessa forma, já não são somente os milhões de desempregados os que passam fome. Grande parte dos empregados também estão passando por grandes dificuldades, quando não, passando fome mesmo. E este é o motor de sua insatisfação, o deflagrador inicial de sua disposição de luta. E como o regime está em crise, como para os capitalistas a saída para a crise é jogar o peso dela sobre os trabalhadores, é inevitável que estes continuem indo à luta, cada vez com mais vigor.

A qualidade das lideranças sindicais é fator importante para o destino das lutas. Mas, ainda que elas sejam vacilantes, a luta pode ocorrer e vitórias serem obtidas, como tem ocorrido. Porque são os trabalhadores que fazem a luta. O exemplo está à vista: tanto têm ido à greve categorias que têm lideranças combativas como aquelas que estão submetidas a pelegos. Isto porque a força, o poder de lutar e conquistar vitórias estão de fato nas mãos das amplas massas de trabalhadores. Esta força é a base da organização, da educação política e do avanço da classe operária.



Na porta do Sindicato, o assunto é a greve. Nem foi preciso piquete

Tarefa urgente: organizar os trabalhadores

Enquanto a ditadura militar comemora um aniversário quase em surdina, vão se criando no Brasil certas condições que, se o povo souber aproveitar, podem levar a uma reviravolta radical na situação.

O 16º aniversário da ditadura vai ser mais atizado que de costume. Poucos políticos se arriscaram a glorificar em público a "revolução redentora" de 1º de abril. O programa do novo partido governista, o PDS, nem toca no assunto. As comemorações serão limitadas aos quartéis e discretas. O governo Figueiredo não quer mostrar-se como continuador da ditadura militar.

Mas este mesmo governo quer impor o adiamento das eleições municipais deste ano. E adiar também, para 1981, a decisão sobre a eleição direta dos governadores estaduais. Enquanto isso, reprime com furor as greves dos trabalhadores. Mantém o mesmo regime da fome e da opressão que vem desde 1964.

TRÊS FATORES SE LIGAM FORMANDO UMA MISTURA EXPLOSIVA

O povo sabe disso. A ditadura completa 16 anos no auge da sua impopularidade, sobretudo entre os operários dos grandes centros industriais. A questão que se coloca é se existem condições para derrubar o regime. E também o que é preciso fazer para isso.

Uma análise equilibrada dos fatos mostra que vai amadurecendo uma crise das classes governantes, que há um rápido empobrecimento e também uma agitação crescente do povo trabalhador. Quando estes três ingredientes se misturam a receita é explosiva. Surge então a possibilidade de mudanças reais e profundas na vida do país, com a substituição das classes no poder.

Tomemos o primeiro ingrediente. Em 1964, o golpe foi apoiado por um bloco mais ou menos compacto das classes reacionárias. Os grandes banqueiros, industriais e fazendeiros uniram-se em peso, encorajados pelos americanos, para apoiar a ditadura. Hoje, este bloco está rachando.

É que nestes 16 anos aumentou muito a monopolição, ou seja, a concentração do poder econômico em poucas mãos. O bólo da exploração dos trabalhadores cresceu, mas diminuiu o número de bólos. A partir de 1974, a crise econômica acelerou essa monopolição. Criou-se uma realidade que favorece basicamente um punhado de milionários e de capitais ligados a eles e ao poder. Os exploradores menos favorecidos não gostariam.

Somese a isso os fracassos dos governos militares. Eles chegaram prometendo acabar com as greves, a corrupção, a disparada dos preços, e transformar o Brasil numa potência. Dezesseis anos depois, os resultados foram exatamente o oposto das promessas.

Nasceu daí uma oposição conservadora, agrupada principalmente no PT e Partido dos Banguereiros, que de popular só tem o nome. E um setor que concorda com uma "abertura" política restrita, mas acha que ela não pode ser tão restrita assim. Crítica a política do governo, dizendo que ela leva à guerra civil. E, com seu programa alternativo de reformas, se coloca como reserva das classes dominantes e do imperialismo.

No segundo ingrediente, a novidade não é a pobreza do trabalhador brasileiro. O que há de novo é o empobrecimento brusco, a rápida piora das condições de vida da grande massa da população, na cidade e no campo.

Quando levam milhares de trabalhadores, até mesmo especializados, têm de ir morar na favela, deixam de consumir carne e de andar de condução, é porque já apertaram o cinto até o último furo. O general Figueiredo pede ao povo que faça sacrifícios. Sacrifício é o que nunca faltou na vida dos pobres. O problema, hoje, é que por mais sacrifícios que se faça não dá mais para agüentar.

E O POVO EM SEU CONJUNTO, AOS MILHÕES, QUE SE PÕE EM MOVIMENTO

Vejanos agora o terceiro ingrediente. Quando os trabalhadores conscientes fazem o balanço das últimas lutas, sempre encontram um sem número de pequenos e grandes defeitos. Em milhares de ocasiões faltou unidade, consistência, decisão de partir para a briga ou sustentar o contra-ataque do adversário. Outras vezes, lideranças falsas ou vacilantes apunhalaram o movimento pelas costas. A organização em geral esteve muito atrás das necessidades. As lutas tiveram mais um caráter econômico, sem atacar de frente o problema-chave do poder político.

Mas os trabalhadores conscientes também emergiram no movimento operário e organizaram-se em comitês, seus grandes traços e sua tendência geral. Vem que as lutas, contidas por tanto tempo, agora romperam as barreiras. Milhões de



Antes as lutas estavam contidas. Agora o movimento popular rompe com as barreiras da ditadura

operários, que há dois anos pareciam ter esquecido o que era greve, estão fazendo uma ofensiva prevista sem precedentes no Brasil (inclusive porque a classe operária trilhou seus efetivos desde 64). O movimento que há um ano era quase somente passivo já se espalhou por outros centros do país. As greves são econômicas, mas com um espírito antigovernista desconhecido nos surtos grevistas anteriores. No campo, grupos de lavradores sem terra partem até para a ocupação de latifúndios já cercados e com sedes construídas.

Tudo isto forma o grande quadro, espontâneo, desordenado, cristivo, cheio de vitalidade, de um povo que se coloca em movimento empurrado pelas crescentes dificuldades.

A mistura explosiva destes três fatores não é uma realidade pronta e acabada, e não acontece em amadurecimento, mas já visível a olho nu. O jurista conservador Afonso Arinos de Melo Franco se deu conta dele e declarou a respeito: "O Brasil não está propriamente num estado de revolução, mas vive um estado de subversão total, que emerge espontaneamente da massa abandonada".

Constituições deste tipo são feitas todos os dias, abertamente, pelos setores descontentes das classes dominantes, e a portas fechadas, pelo próprio regime militar. Eles não gostam do que vem, mas estão lidando com uma realidade objetiva, que não depende da vontade dos pessoas, da política pública ou das classes sociais. A luta pela luta do dia da luta de classes.

O empicho das forças da ditadura e da reação volta-se então para evitar que a situação explosiva que se anuncia termine explodindo mesmo. E, ai sim, o fator decisivo é a vontade e a ação consciente das forças presentes na sociedade. A reforma partidária e o incentivo à criação de partidos burgueses para operários, o "amendoim" constitucional que Figueiredo enviou ao Congresso, a compra por atacado de políticos para o partido governista, a nova lei salarial, a promessa de usar a força contra os metalúrgicos do ABC, a criação do GETAT para tratar dos conflitos de terras no Araguaia e Tocantins, a manutenção de toda a máquina repressiva montada nos anos de terror fascista, são algumas medidas para prevenir uma reviravolta político-social no Brasil.

As classes dominantes brasileiras têm certa experiência neste ramo. Em 1930 e 1945, quando o país enfrentou outras cruzilhadas, elas souberam manobrar, fazer composições, reprimir, enganar, subornar, e salvaram seu regime.

É verdade que em 30 e 45 a crise estrutural do país era menos profunda, tanto assim que não foi preciso recorrer a métodos tão drásticos como a ditadura militar. A classe operária era bem menor e menos experiente, o movimento popular não era tão vigoroso como hoje. Mas nada disso garante que a situação favorável a mudanças leve a mudanças de fato.

Uma garantia é a organização e a atuação de forças populares interessadas na vitória da causa popular, e em pri-

meiro lugar da classe operária. E o desenvolvimento do fator consciente, que está atrasado, bastante atrasado, em comparação com o movimento real.

O FATOR CONSCIENTE E A ÚNICA GARANTIA DE UMA SOLUÇÃO POPULAR

Neste plano sim, as deficiências são enormes e há tarefas gigantesca por fazer. Os operários ressentem-se de uma falta de organização ainda grande, desde o plano sindical, passando pelas organizações por empresa, até a organização política independente em seu partido político. Sem isso eles não poderão colocar-se à altura de suas próprias lutas, nem muito menos cumprir seu papel de vanguarda. Ainda é débil a aliança entre os trabalhadores da cidade e do campo. Ainda são limitadas as iniciativas de união das forças populares e democráticas para enfrentar as tarefas políticas do momento. Nem sempre se utiliza a contento as diversas frentes de luta que se abrem, inclusive a frente parlamentar.

Dominar todas essas questões e saber como tratá-las é uma ciência e uma arte das mais complicadas e difíceis, ainda mais em tempos como os atuais, em que os dias valem por semanas. Mas a própria marcha dos acontecimentos favorece a solução das dificuldades da classe operária e do povo, enquanto a própria luta sempre mais os problemas que tiram o sono de Figueiredo e seu pares. (Bernardo Joffily)

Aniversário do PC do B

A análise parcial conquistada no ano passado criou uma situação original no Brasil. Pertencer ao Partido Comunista continua a ser considerado crime previsto na Lei de Segurança Nacional. Mas vários combates líderes comunistas, anistiados, passaram a desenvolver atividade política aberta. E o caso de José Duarte, veterano líder ferroviário de São Paulo, comunista há 36 anos, que pronunciara em 25 de março uma palestra em São Paulo, no 58º aniversário do Partido Comunista do Brasil.

Durante todo este período, Duarte acompanhou e viveu a acidentada trajetória de combates do movimento operário e comunista, no Brasil e no plano internacional. Milhou ao lado de várias gerações de trabalhadores, desde os contemporâneos de Lênin e fundadores do Partido até os que resistiram à ditadura militar e ao fascismo durante os últimos 16 anos.

Preso por 34 vezes, ele conhece de perto a perseguição movida contra os operários conscientes, seus grandes traços e sua tendência geral. Vem que as lutas, contidas por tanto tempo, agora romperam as barreiras. Milhões de

O assunto da palestra vem despertando ultimamente um vivo debate nos meios operários avançados, que se colocam o problema de seu combate, seus grandes traços e sua tendência geral. Vem que as lutas, contidas por tanto tempo, agora romperam as barreiras. Milhões de



José Duarte

Os operários e a Tendência Popular

A Tribuna Operária perguntou a vários operários de São Paulo que são lideranças de base, elementos combativos da oposição sindical, participantes ativos das últimas greves por que, sendo operários, escolhem atuar no plano político institucional através da Tendência Popular do PMDB. A seguir, suas respostas:

Chicão: ser servir e não dirigir

João Francisco (Chicão) operário (da zona Oeste da capital) - Tanto o PMDB como o PT e o PTB são todos partidos impostos pela ditadura que se mantém. Apesar disso, os trabalhadores não podem ignorar esses partidos como Chicão forma de participação política. E vale escolher entre eles aquele que dá mais oportunidade para nós.

Na Tendência Popular do PMDB se tem uma brecha para a vinculação das lutas populares com a ação parlamentar, a derrubada do regime não se vai dar, como pensam alguns, através da luta parlamentar, mas sim através das lutas populares. Trata-se de escolher uma tendência que vá apoiar as lutas populares, mas que também não tenha a pretensão de liderar esses movimentos, porque se fizer isso vai sufocar. Trata-se apenas de apoiar, e não de querer tomar sua direção.

Dal, por que recusar isso? Alguns comunistas sentem-se atraídos pelo PT. Veem no PT a solução para a organização da classe operária. Eu entendo que o operário quer realmente ter seu partido. Eu também quero, não sou contra isso. Mas o partido da classe operária será este. Acho muito difícil a atuação legal de um verdadeiro partido da classe operária sob este regime. Tenho até a impressão de que o surgimento do PT interessa ao regime porque impede a livre organização do verdadeiro partido da classe operária.

Na Tendência Popular do PMDB, pelo menos nas discussões de que tenho participado, tenta-se prestar a ser um instrumento a serviço da oposição popular no plano da luta parlamentar.

Fernando Ô: TP não joga ilusão

Fernando Ô operário da zona Sul da capital - "A ditadura não acabou, o regime militar permanece e mantém o partido o seu aparelho repressivo. Por isso, continuamos precisando

atuar numa frente mais ampla que aquela que a reforma partidária do governo veio para dividir a oposição e nos não podemos entrar nesse jogo, tomando a iniciativa de nos dividirmos. Nessa situação atual, que não é clara, continua duvidosa, o povo já obteve algumas conquistas, mas são insuficientes. Precisamos ir adiante para conquistar o direito de a classe operária se organizar independentemente.

Fernando Ô

"A Tendência Popular é o setor mais avançado da oposição. Ela é um movimento de âmbito nacional e pelo Brasil, nas cidades e no campo, um dos setores mais avançados da oposição. Ao juntar-me a ela estou pensando também nisso e não só na organização em São Paulo e outros grandes centros urbanos, como acaba sendo a proposta limitada do PT. Dentro do PT há gente boa, mas é uma proposta muito contradiatória. É uma ilusão para os operários de que o partido da classe operária. Até por isso prefiro a Tendência Popular do PMDB porque este partido não joga essa ilusão de que é o partido da classe operária.

Preocupo-me com a divisão que possa ocorrer até nas bases por causa desses partidos. Por isso, conclamo a todos os operários, sejam democratas, de oposição, estejam onde estiverem, que, na hora da luta concreta dos trabalhadores e do povo, deixem as divergências de lado. E venham todos enfiar-se numa luta de povo."

Jorge: por ora só clandestino

Jorge, operário da zona Sul - "Alguns pessoas me perguntam porque, eu sendo operário, não fui para o PT. Quero deixar bem claro que nunca fui contra a organização do partido dos trabalhadores. Mas, nesse momento, com as limitações das leis da ditadura e o partido da classe operária não pode existir legalmente, mas só clandestino. Isso não é fato democrático, de oposição, que se propõe a ser o partido da classe operária."

Parlamentares e o povo

Santillo: o eixo decisivo é a mobilização do povo
Cintia: mandato como instrumento das lutas populares

O deputado federal Ademar Santillo e seu irmão, Henrique Santillo, senador, estiveram, nos últimos anos, entre os mais combativos componentes da oposição democrática no Estado de Goiás. Recentemente, aderiram ao PT.

"Considero que o eixo da luta pela completa demolição da ditadura situa-se, em primeiro lugar, na mobilização e organização do povo. Atualmente, mesmo que houvesse eleições diretas a nível municipal ou mesmo para governador, não resolveria muito, embora eleição seja em si importante. Isto é assim porque quem continua a deter o poder são os poderosos grupos econômicos aliados aos militares.

"O parlamento é importante na medida em que os parlamentares lutam para lá as reivindicações populares e fazem do Congresso uma caixa de ressonância das aspirações do povo. Só a luta parlamentar não é suficiente para devolver-nos a democracia. Odeio nós do PT pudermos, andarmos em coligação com o PTB e PMDB e o PP. É possível uma coligação partidária no campo político.

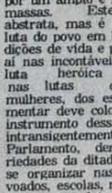
Mas no campo social certamente haverá divergências. E nós não abriríamos mão de nossos princípios, nem vamos mudar nossas idéias e opiniões."

Benedito Cintra é vereador em São Paulo, eleito pelos movimentos populares da zona Oeste da capital. Manifesta-se na Tendência Popular do PMDB. Na sua opinião, esta é a melhor alteração da ditadura, na atual conjuntura, quando a questão central continua a ser a luta pela derrubada da ditadura.

"A ditadura só poderá ser derrubada por um amplo e poderoso movimento de massas. Este não é uma coisa abstrata, mas é um movimento real da luta do povo em busca de melhores condições de vida e por liberdades. Ele está aí nas incontáveis greves operárias, na luta heroica do camponês, nas lutas das minorias, das mulheres, dos estudantes etc. O partido tem de colocar seu mandato como instrumento dessas lutas, defendendo-as intransigentemente dentro e fora do riadado da ditadura, ajudando o povo a organizar nas fábricas, bairros, povoados, escolas, no campo, no sentido de unificar as lutas populares, dando ao movimento de massas verdadeiro sentido de unidade popular, visando o fim do regime militar, a instalação de um governo provisório, democrático e de unidade popular, que convoque uma constituinte soberana."



Cintra



Santillo

Não apoio falso partido

S. metalúrgico da zona Sul - "A reforma partidária veio para dividir as oposições. E eu não vou fazer o jogo do governo, apoiando esses partidos que vieram para nos dividir. O PMDB também não é o partido dos trabalhadores, mas ao menos ele deixa isso claro. Dentro da Tendência Popular temos condições de lutar dentro dele e abrir um espaço para a defesa dos interesses dos trabalhadores. Não é como o PT que se pretende o partido da classe operária, mas não é, é um partido cheio de contradições, onde se reúnem diversos tipos de oportunistas, de esquerdistas, de pelegos, embora a luta dentro haja também gente boa. Ficar na Tendência Popular e procurar unir todos os outros setores cercadamente em oposição para defender os interesses populares, essa é a minha escolha."

Liberdade de organização

C. metalúrgico da zona Sul - "Não estou nada satisfeito com os resultados da reforma partidária. A situação está ainda muito indefinida. Por enquanto, os trabalhadores só podem confiar em certos elementos que, por sua luta e dedicação ao povo, já mostraram que merecem nossa confiança. Como partidos, todos deixam a desejar. Devemos ir lutando para conquistar a liberdade de organização para o verdadeiro partido dos trabalhadores. Ela vai surgir quando o povo tiver liberdade de organização. E no meio do povo vai se organizar o verdadeiro partido dos trabalhadores. Devemos lutar por uma verdadeira união, uma união na luta."



A preparação do Congresso exigiu muito trabalho.



A viúva de Santo, convidada de honra.



O debate foi vivo e o Congresso, vitorioso, apesar dos tumultos.

Mulheres já não esperam acontecer

Quatro mil mulheres reuniram-se no 2º Congresso da Mulher Paulista refletindo a crescente participação da mulher nas lutas populares e por sua própria emancipação, apesar das tentativas de um grupo de tumultuar o Congresso.

Em meio a um clima de mobilização e de intensa polémica realizou-se nos dias 8 e 9 de março o 2º Congresso da Mulher Paulista. Embora marcado pelo tumulto e confusão provocados por um pequeno grupo de mulheres que pretendia impor arbitrariamente suas posições, o Congresso surpreendeu pela amplitude e importância que assumiu. Cerca de 4 mil mulheres reuniram-se na Pontifícia Universidade Católica para debater seus problemas específicos e os rumos do movimento feminino no Brasil.

A participação de mulheres quadruplicou em relação ao 1º Congresso. E o número de entidades integradas ao movimento saltou de 26 para 83, refletindo uma crescente mobilização das mulheres na luta por sua emancipação. Como afirmou D. Dóizira, dona de casa do bairro de Guarapiranga, "antes as mulheres eram muito paradas, só serviam de escravas dos homens. Agora têm voz ativa e vamos pelear para conseguir nossos direitos".

Iheres que procurava bloquear o andamento dos trabalhos, o Congresso conseguiu criar um embrião de movimento unificado, formado a partir das 53 entidades que o coordenaram. Além disso, apesar do tumulto criado, diversos pontos de consenso foram obtidos nas reuniões de grupo e aprovados na plenária. Entre essas resoluções destacam-se as seguintes: as entidades, femininas ou não, devem empenhar-se numa ampla campanha a favor dos direitos da mulher; prosseguir a luta pela ampliação de creches nos bairros e nas empresas; exigir do governo melhor atendimento à gestante, antes e depois do parto, e à criança; realizar um amplo debate sobre o aborto nos próximos meses. As mulheres assalariadas destacaram ainda a importância de lutar pela profissionalização da mulher, contra o subemprego e por salários iguais aos dos homens; por garantia de trabalho para a mulher casada, mãe ou gestante.

tuou o Congresso desde sua preparação, encarregou-se de impedir que as discussões chegassem a bom termo e que se obtivesse consenso nas questões em que elas se colocavam contrárias à maioria. Para isso recorreu a manobras sujas, falsificando crachás, realizando reuniões paralelas, dividindo e impondo suas representações para a coordenação dos grupos. Chegaram inclusive a utilizar métodos abertamente fascistas, apreendendo fisicamente as pessoas que opinavam uma resistência mais firme.

Um dos principais pontos de discórdia era quanto ao caráter específico do movimento de mulheres. Este grupo minoritário defendia historicamente que os problemas das mulheres são os mesmos de todos os setores oprimidos. Esse argumento é justo apenas em parte. Negar que as mulheres enfrentam problemas próprios que exigem solução própria é querer tapar o sol com a peneira. A mulher é reconhecida uma categoria marginalizada da sociedade há milênios. E para ter voz, precisa lutar por seus direitos específicos. No decorrer do Congresso, as mulheres denunciaram em depoimento vivos e concretos os problemas que enfrentam no dia a dia, como a dupla jornada de trabalho, salários inferiores aos dos homens, baixo índice de profissionalização, a falta de atendimento materno, a violência sexual, a ideia de inferioridade. Como afirmou uma representante da Associação das Donas de Casa, Cida Alves, "as mulheres estão participando de tudo e muito interessadas em discutir suas questões próprias. Não dá mais para dizer que o problema da mulher é o de todos os trabalhadores".

Outro ponto polémico foi a relação entre o movimento feminino e os partidos políticos. O grupo minoritário, que tomou de assalto o departamento feminino do PMDB, recorreu a todos os meios para atrair o movimento das mulheres aos interesses estreitos da política parlamentar. Mas os movimentos de massas não são partidários. Eles podem abranger representantes de diversos partidos ou tendências, sem distinção de credo religioso, raça, sexo ou cor. E o movimento de mulheres não escapa a essa regra. Qualquer tentativa de atrair a qualquer partido, só serviria para dividir o movimento de mulheres.

No entanto, isso não significa que o movimento seja apolítico. Como afirmou uma dona de casa de periferia, "muita gente pensa que política é só partidária. O nosso Congresso mostrou para a mulher da periferia que ela também faz política".

A mulher e a luta política

As posições equivocadas do pequeno grupo de mulheres que boicou o Congresso foram francamente derrotadas. Apesar da confusão reinante, as congressistas repudiaram maciçamente essas manobras que procuravam semear a divisão. Representantes da Comissão Executiva Regional do PMDB protestaram contra a atuação desastrosa daquelas mulheres, desautorizando-as de falar em nome do partido. E em reunião realizada posteriormente, as responsáveis pelo tumulto foram expulsas da coordenação por ampla maioria de votos. Como declarou uma representante das professoras, "a correção de uma posição política se verifica na prática, e não na palavra". (Olivia Rangel)

O Congresso: suas conquistas

Embora enfrentando a obstinada oposição do grupo minoritário de mu-

Os pontos de discórdia

Essas resoluções, no entanto, ficaram aquém das discussões realizadas nos grupos. O grupo de mulheres que tumul-

Dois mil na rua contra a carestia

Em manifestação realizada na porta da Light, 2 mil trabalhadores e donas-de-casa protestaram contra os altos preços da energia elétrica. Queimaram bonecos do ministro Delfim Netto e do imperialismo e convocaram o povo para a luta contra a carestia.



O protesto popular na porta da Light durou 3 horas.

Trabalhadores e donas de casa da periferia, dirigentes sindicais, movimentos e associações populares, entidades democráticas, reunidos no Movimento Contra a Carestia, concentraram 2 mil pessoas numa grande manifestação contra a Carestia, na praça Ramos de Azevedo, em frente à Light, dia 12 de março. Ali foi lançada publicamente a Campanha Contra os Abusos da Light.

Improvisando uma das janelas da Light como palanque, e acionando as grades para não cair metalúrgicos, motoristas de ônibus, donas de casa e membros da Coordenação do Movimento Contra a Carestia fizeram vários discursos, convocando o povo a lutar contra a carestia, denunciando o governo e os empresários como os responsáveis pela fome e a opressão que pesam sobre o povo brasileiro e exigindo o fim da ditadura militar.

Aos gritos de "Abaixo o imperialismo" e "a Amazônia é nossa", foram que-

mados na praça dois bonecos que simbolizavam Delfim Netto e o seu patão, o imperialismo norte-americano.

A manifestação durou três horas: começou na Praça da Sé com umas mil e quinhentas pessoas reunidas, que após gritarem palavras de ordem como "Ninguém aguenta mais o roubo que a Light faz", "O povo na rua protesta contra a fome", saíram em passeata pelas ruas da cidade até a praça Ramos, parando o trânsito, conseguindo muitas adesões e fazendo comícios.

A campanha contra o abuso da Light é mais uma bandeira do Movimento Contra a Carestia, e exige: congelamento do preço da tarifa, o fim do imposto único; 30 dias para pagar a conta sem multa; 90 dias após o vencimento, para pagar a conta sem corte da luz.

3º ENCONTRO NACIONAL CONTRA A CARESTIA

No dia 15 de março, às 14 horas, no sindicato dos jornalistas, cerca de 70

representantes de sindicatos, movimentos e associações populares e bairros da periferia elegeram 17 representantes para o 3º Encontro Nacional de Luta Contra a Carestia, a realizar-se em Salvador nos dias 22 e 23 de março próximos e aprovaram as seguintes propostas: lutar pela realização do 1º Congresso Nacional de Luta Contra a Carestia; lutar pela realização do 1º de maio unificado em todo o Brasil, baseando-se nas cinco bandeiras aprovadas pelos sindicatos: liberdade e autonomia sindical; contra o desemprego; salário mínimo real e unificado para todo o Brasil; contra a carestia; e pela reforma agrária.

Quem for ao 3º Encontro Nacional de Luta Contra a Carestia, em Salvador, dia 22 próximo, deverá dirigir-se à Ladeira da Praça sin - Instituto dos Arquitetos.

Pauta do Encontro: Definição da data de entrega dos abaixo-assinados em Brasília; Perspectivas para o Movimento Contra a Carestia; Congresso Nacional de Luta Contra a Carestia.

MG: pelego sabota mulheres

Apesar das condições favoráveis que o cercaram, o 1º Congresso da Mulher Metalúrgica de Belo Horizonte e Contagem contou com fraca participação: cerca de 60 mulheres.

Pouco, muito pouco se avançou neste congresso no sentido de reforçar a participação da mulher. A começar pelo fato de que não se podia falar em política. Tampouco se discutiram as greves, a campanha salarial ou o 1º de Maio unificado. A diretoria pelega do sindicato tomou conta da situação. A mesa era composta de seus representantes, entre

eles o velho João Silveira, e um representante da peleguíssima CNTL.

Nem o dia 8 de março foi ressaltado como um marco de luta das operárias. Nas discussões em grupo, o secundário predominou. Dominado pela pelegada, o Congresso das metalúrgicas de Belo Horizonte e Contagem não marcou uma maior participação da mulher. Nem mesmo realizou a eleição de representantes, já conseguido anteriormente, como no caso das últimas greves. Não traduziu de forma alguma o imenso potencial de luta da mulher metalúrgica mineira. (Da sucursal de Belo Horizonte)

Os operários de Minas (Final):

"Entre em greve até amanhã"

Entrou na fila do ônibus, no centro de Belo Horizonte, às seis da tarde. Chegou em casa, no Bairro Industrial de Contagem, às 9 da noite. Por "problema nervoso", o operário Assis está encostado pelo INPS, recebendo apenas 80 por cento do ordenado, isto é, 2 mil e 900 cruzeiros. "Só com um milagre dá para sustentar 6 bocas". Comenta: "trabalhei 18 anos direto como metalúrgico e não tenho nada. Tenho só esse rancho aqui".

SOFRENDO DOS NERVOS

"Fui afastado da firma por problemas nervosos. Eu trabalhava, tanta coisa fazia... Seu electricista e instalava 18 qualidades de cabo, trabalhava em postes, fazia tudo. Ai, no dia do pagamento vinha aquela mixaria. Lá, pagava muito pouco e eles atrasavam o pagamento. Dia do pagamento eles faziam um vale. Eu ficava com muita raiva, pois estava precisando, estava devendo para os outros. Uma vez, eles fizeram um vale só de 200 cruzeiros. Ai, fiquei muito nervoso, minha pressão ficou alta. Dai para cá não pude mais trabalhar. Fui piorando cada vez mais. E tudo por causa da firma, porque antes eu não tinha nada".

"Na greve, eu quase entrei no cacete. Corri muito da polícia. Lutamos muito para ter uma melhorzinha e só faltou a gente morrer lá. O negócio deles era matar e não só bater. Metiam uns porretes na cabeça que era para matar. Mas a greve valeu. Se houver outra, entro. Entre em greve até amanhã".

"E aqui no bairro nossa vida é uma dificuldade. A gente estava sofrendo com a falta da rede de água e fizemos uma vigília. Participaram 10 mil pessoas. Saímos em caminhada com latas vazias, tudo mundo participando. Ai nós conseguimos a água. A união aqui é grande. E todo mundo luta unido".

CONTRA O GOVERNO

"Eu estou contra este governo. Não acho que ele esteja servindo o povo. Um governo para o trabalhador apoiar teria que estar olhando mais para os pobres. Eu vi o Figueiredo dizendo pela televisão que se ganhasse 3 mil cruzeiros e tivesse dois filhos, dava um tiro na cabeça. Uma pessoa que fala isso é porque desconhece a situação e os problemas do povo". (Antônia Soares - Sucursal de Minas Gerais).

Posseiros: a vitória de Pau/Brasil

A população de Vitória da Conquista, no interior da Bahia, decidiu, na noite de 3 de março, a uma cena sem precedente. Pelas ruas desfilou uma passeata de posseiros gritando palavras-de-ordem. Eram os moradores das "Matas do Pau Brasil", distante 30 quilômetros, de dois companheiros e exigiam prisão, sim, para o grileiro, dono da Agropecuária Pau Brasil.

Em coro, gritavam: "Conquistar quer justiça, cadeia pra Germano"; "Queremos Pau Brasil, cadeia pra Germano". Nos dias seguintes ocorreram novas manifestações, com mais de cem lavradores e a adesão de muitos populares.

O grileiro Germano, acompanhado do delegado de polícia de Vitória da Conquista, coronel Elisio Pires Rebouças, prendeu o posseiro João Alves Santos. Logo depois, grande número de posseiros foi para a cidade e concentraram-se à porta da delegacia exigindo a soltura do contradelegacia encarcerado. Temendo a invasi-

ção da delegacia, o delegado requisitou tropa do Batalhão de Polícia Militar. Quando o advogado dos posseiros e entidades democráticas tentavam libertar João, outro posseiro, Valdeino José de Almeida era preso. Os posseiros só saíram dali para fazerem a passeata. E marcaram uma manifestação para o dia seguinte.

COMISSÃO JUSTIÇA E PAZ

Em nota à população, a Comissão Diocesana Justiça e Paz de Vitória da Conquista denunciou a prisão e maus tratos dos dois posseiros. afirmou: "A prisão parece ser a fórmula com que o governo do Estado pretende acabar com os posseiros utilizando o poder da força policial, a serviço de grileiros, pressionando o ocupante da terra, fazendo o



Posseiros protestam contra prisões.

lugar dos novos coronéis do café". Durante a manifestação houve um grande entusiasmo dos presentes (600 pessoas) quando seus companheiros foram libertados e vieram para a praça confraternizar com os companheiros. (Da Sucursal da Bahia).

Funcionários derrotam coronel

Desesperado com a reação combativa dos funcionários do Hospital do Servidor Público de São Paulo aos seus desmandos, o Coronel Freitas, diretor da instituição, apelou ainda mais para a ignorância. Demitiu dois médicos, passou a impedir reuniões dos funcionários, tentou lacrar a sede da Associação dos Médicos, suspendeu outros 18 médicos da seção de neurologia.

Mas a emenda saiu pior do que o soneto para o coronel. A partir de uma iniciativa do chefe da seção de neurologia, dr. Roberto Melgarano, todos os 450 médicos do hospital declararam-se suspensos também, em solidariedade aos colegas. No dia seguinte, enfurecido, o coronel demitiu a dra. Helênia Stiphal e

o dr. Jamil Murad, presidenta e diretor da Associação dos Médicos. Só serviu para jogar mais lenha na fogueira. Agora são também os docentes da enfermagem e neurologia que fizeram um abaixo-assinado contra a falta de medicamentos, a comida ruim, os banheiros quebrados, e chegaram a ameaçar com uma passeata.

A reação da categoria em geral, do Sindicato dos Médicos, da Associação paulista de Medicina e da opinião pública também foi imediata. O coronel isolou-se mais ainda, sofrendo denúncias de corrupção e abuso do poder, amparado apenas pelo governador Salim Maluf. E finalmente teve de voltar atrás, reconhecendo as punições e readmitindo os médicos afastados.

Um brasileiro na Nicarágua

Luis Eduardo Greenhalg, da Executiva do Comitê Brasileiro de Anistia, esteve na Nicarágua a convite dos Sandinistas. Iniciamos aqui uma série com o relato do que ele viu e ouviu.

Três coisas me impressionaram basicamente na Nicarágua. A primeira delas foi a participação do povo na revolução. Isso me deu a certeza de que quando o povo decide alterar substancialmente a estrutura em que vive, ele é invencível. Não é uma conclusão nova. Mas me impressionou muito a decisão coletiva de alterar a ordem vigente.

A Frente Sandinista englobou todos os setores explorados, desde o campo até a cidade, desde crianças até anciãos. Basta dizer que a média de idade dos guerrilheiros varia de 14 a 17 anos. Senti uma decisão inabalável do povo de prosseguir na revolução, sem volta.

Por isso, o governo não está precisando de uma implantação imediata do socialismo. Essa é uma discussão em curso lá na Nicarágua. Os trotskistas acham que a revolução não está caminhando com a rapidez necessária, que há o perigo da contra-revolução. Eu não acho isso. Quando você tem um povo em armas decidido a combater a contra-revolução, como vi lá, há condições para se alterar gradativamente as estruturas do Estado, consolidando essas transformações.

CADA REVOLUÇÃO, UM CAMINHO

A segunda coisa que me impressionou foi o seguinte: as revoluções não se repetem mecanicamente. E a revolução da Nicarágua é diferente da cubana, da soviética, da albanesa, da angolana, etc. O que equivale a dizer que é um erro copiar mecanicamente os modelos de revoluções já realizadas em outros países. O que se deve fazer é aprender princípios gerais comuns a todas essas revoluções e aplicá-los, adequando-os à realidade do povo.

É importante tocar um pouco na história da Frente Sandinista de Libertação. Sandino era um combatente antilimpulista e revolucionário. Numa das vezes em que os EUA mandaram a Nicarágua uma "Força de Paz" (na verdade um exército de ocupação dos mariners), Sandino se enfurou nas montanhas com um pequeno grupo de guerrilheiros e conseguiu expulsar as forças de ocupação. Depois disso, ele foi convidado para formar um governo de coalizão. Foi convidado para um jantar, com o pai do Anastasio Somoza. Quando ele saiu, foi baleado e morto. Era uma cidade.

A FRENTE SANDINISTA

Em 1962, Carlos Fonseca Amador cria a Frente Sandinista juntamente com Thomas Borges e outros. Havia partidos



A marcha da vitória sandinista

tradicionais de esquerda, ligados à URSS e à China. Mas o primeiro erro muito conciliador, gostava da política de bastidores, dos cochavos. E o pró-chines era insignificante do ponto de vista das massas. A Frente começou a fazer seu trabalho, dando importância aos camponeses. Foi muito reprimida. Houve momentos em que seus militantes não passavam de uma dezena. Mas eles foram levando a luta até a tomada do poder.

Só quando já era inequívoca a possibilidade de vitória, esses partidos começaram a participar da Frente, tornando uma atitude oportunista. O Partido pró-chines é o maior exemplo da trajetória da China nos últimos anos. Eles haviam criado as Milícias Populares Anti-somozistas, que hoje se voltam contra os sandinistas. Quando eu estava lá, eles executaram um dirigente operário da Central Sandinista dos Trabalhadores.

A meu ver o segredo do sucesso da Frente foi ter encontrado uma unidade dentro das diversas tendências que a compunham: os que defendiam a guerra popular prolongada, os insurrecionalistas, e os terroristas, que defendiam que os dois outros setores tinham parcialmente razão.

AS MULHERES E A REVOLUÇÃO

A terceira coisa que me impressionou foi a participação das mulheres e da Igreja. Basta dizer que 35% dos combatentes da Frente Sandinista de Libertação são mulheres. E a primeira cidade libertada (León) teve no comando da operação uma mulher, a comandante Dora. Ela é considerada uma heroína do povo. morrem no fim dessa operação. Em cada Estado Maior da Frente (for-

O povo festeja a liberdade.

mado por 3 membros) existe pelo menos uma mulher. Isso trouxe uma qualidade nova na revolução da Nicarágua: a mulher conquistou o direito de participar em nível de direção na guerra de libertação. Lá o pessoal trata as mulheres de forma diferente. Chamou-me a atenção o respeito que os homens têm por elas. A mulher é chamada a dar sua opinião sobre todo e qualquer assunto. E sua palavra é muito levada em conta. Nas reuniões em que estive presente, as mulheres inevitavelmente participavam.

A IGREJA NA REVOLUÇÃO

A participação da Igreja comprometida com o povo também foi altamente significativa. A população da Nicarágua é majoritariamente católica. Eu cheguei a ver muito guerrilheiro da Frente Sandinista com crucifixo, com terço no pescoço. Quando tinha missa, as igrejas ficavam lotadas e quase todos eram membros da Frente.

Mesmo durante a insurreição se celebrava missa nos acampamentos guerrilheiros. E no governo agora existem três ministros sacerdotes. Muitos padres morreram na luta.

Professores I A grande greve de Goiás

A greve dos 45 mil professores e funcionários públicos de Goiás, que já dura mais de 20 dias, é a maior mobilização popular no Estado desde 1968. É a assembleia realizada no último dia 13 foi considerada a maior já realizada por categoria profissional em toda a história de Goiás. Contou com a participação de 6 mil pessoas que vieram até o local de reunião em animada passeata pelas ruas de Goiânia.

Essa foi a resposta dos grevistas ao governador Valadão e ao ministro do Trabalho, que além de considerar a greve ilegal fizeram ameaças de demissões em massa e enquadramento na Lei de Segurança Nacional. Os professores denunciaram o governador por juntar ao salário de fome a repressão para tentar quebrar sua disposição de luta.

Entretanto, seus planos falharam. Depois de considerada ilegal, a bem organizada greve fortaleceu-se e ampliou-se ainda mais. Imediatamente, os professores e alunos das três universidades da capital pararam em solidariedade, seguidos dos professores de inúmeros colégios particulares. Durante a assem-

bleia os professores comprometeram-se a só voltarem ao trabalho depois que suas reivindicações forem atendidas. E formaram uma comissão de negociação, composta por personalidades representativas, para negociar com o governo. E decidiram ampliar o movimento indo buscar o apoio de outros setores da população.

Os grevistas continuam firmes em seu objetivo de obrigar o governo do Estado e a prefeitura de Goiânia a honrar a promessa feita à categoria, durante a greve do ano passado. Naquele ocasião foi acertado que os funcionários receberiam um reajuste de 120 por cento em duas parcelas. A primeira, de 65 por cento, de imediato. E a segunda, de 55 por cento em fevereiro último, o que não ocorreu. Além disso, os professores deveriam ser incluídos em qualquer aumento que viesse a ser dado a funcionários públicos. Houve um aumento de 30 por cento que eles não receberam. Assim, hoje lutam pelos 55 por cento mais os 30 por cento, que dá um total de 101 por cento sobre o salários atual.

Professores II A luta chega no Acre

Os professores do Acre também estão em luta por melhores salários, pois já não suportam mais a extrema miséria a que estão submetidos. Depois do aumento de 39% que obtiveram no ano passado, o salário de um professor rural naquele Estado, varia de 600,00 a 2.000,00 mensais.

Assim, chegado a uma situação de grande penúria e compreendendo que só

eles mesmos poderiam mudá-la, os professores começaram a organizar um movimento por melhores salários. E logo de cara tiveram de enfrentar o cinismo do governador do Estado, sr. Joaquim Macedo que apareceu em uma de suas reuniões propondo um aumento de 38%. Como é lógico, foi rejeitado. Os professores querem pelo menos 100%, e decidiram entrar em greve numa assembleia dia 15 último.

Professores III Em Minas também

Os professores da rede particular de ensino de Minas Gerais, também estão em campanha. Eles exigem um aumento salarial e outras reivindicações como: pagamento pelos serviços extra-classe, percentagem por aluno excedente, pagamento pelas "janelas" (horário livre entre uma e outra aula) e por estabilidade para os representantes sindicais.

Sua mobilização tem enfrentado inúmeras dificuldades, desde a dispersão, as desigualdades salariais até a pouca experiência de luta. Contando com essas

fragilidades, os proprietários, das escolas vêm tentando impor um inaceitável índice de apenas 38,7% de aumento. As negociações entre as partes estavam se desenrolando muito lentamente, com os patrões tentando esvaziar o movimento. Foi preciso uma assembleia de 500 pessoas para que o sindicato patronal levasse mais a sério os mestres. Agora vai ser mais lógico, foi rejeitado. Os professores querem pelo menos 100%, e decidiram entrar em greve numa assembleia dia 15 último.

Professores IV O encontro de Belo Horizonte

Enquanto os movimentos reivindicatórios de professores continuam pipocando um pouco por todo o Brasil, a categoria reuniu-se num Encontro Nacional, em Belo Horizonte, durante os dias 14 e 15 de março, para debater seus problemas. O encontro contou com a presença de mais de 700 delegados, representando 18 Estados, o que indica considerável avanço em relação à reunião do ano passado.

Depois de um debate acalorado, onde não faltaram tentativas de divisão e enquadramento paralelos, a plenária dos professores brasileiros adotou uma série de resoluções destinadas a impulsionar consideravelmente as lutas nas escolas.

As reivindicações salariais da categoria foram unificadas nacionalmente, na base de 15% sobre o INPC e piso de três salários-mínimos; definição de um plano como "Dia Nacional de Luta pelo Ensino Público e Gratuito"; e exigência de verbas para a educação correspondentes a 12% do orçamento da União e 25% dos orçamentos estaduais. As decisões do II Encontro Nacional dos Professores aumentam de importância porque coincidem com uma retomada das lutas estudantis, centrando fogo justamente no grave problema da escassez de verbas e da implantação do ensino dual. A perspectiva que se abre é de uma aliança ainda mais estreita e combativa entre estudantes e professores.

Rodésia-Zimbabwe: uma vitória do povo

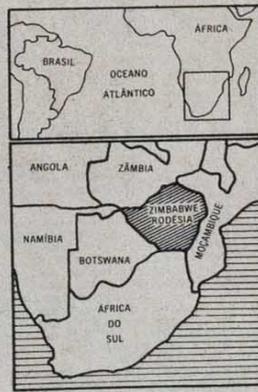
A ZANU (União Nacional Africana do Zimbabwe) surpreendeu todo o mundo com sua estrondosa vitória nas eleições deste mês. Ficou com 63% da votação total e 57 das 60 cadeiras que compoem o parlamento, enquanto a ZAPU, sua aliada na Frente Patriótica, ficou com outros 20 cadeiras. Assim, a força britânica que conduziu o processo viu-se na obrigação de convidar o presidente da ZANU, Robert Mugabe, para formar o primeiro governo não racista do país.

UM POUCO DE HISTÓRIA

A colonização do Zimbábue (nome africano da Rodésia) ocorreu quando o mundo entrou na época do imperialismo. Uma poderosa resistência do povo africano, entre 1890 e 1894, foi esmagada pelas modernas armas britânicas. A luta de libertação retomou o ascenso depois da 2ª Guerra Mundial. Ao princípio, a Inglaterra respondeu aumentando a repressão. Em 1959, proibiu todas as organizações políticas africanas. Em 1961, impôs uma nova Constituição à Rodésia, concentrando todo o poder nas mãos da minoria branca. Em resposta, os movimentos nacionalistas se fortaleceram e em 1961 surgiu a ZAPU e em 62 a ZANU. A nível internacional, a ONU condenou a política britânica na Rodésia. A segurança dos interesses ocidentais começava a perigar.

A FASE DA LUTA ARMADA

O governo inglês elaborou então um projeto de independência política formal, que passaria o poder para as mãos de negros moderados, deixando intactos os interesses imperialistas. O plano era substituir o colonialismo pelo neocolonialismo. Mas muitos brancos, temendo perder seus privilégios, recusaram o projeto britânico, se agruparam em tor-



guerrilheiros com a independência das colônias portuguesas vizinhas (veja o mapa) e a coligação da ZANU e da ZAPU numa só Frente Patriótica. A ZANU passou a utilizar bases em Moçambique, enquanto a ZAPU contava com bases na Zâmbia e apoio soviético. A guerra se alastrou pelos campos de todo o país. Foi neste contexto que a Frente Patriótica e o governo de Ian Smith, reunidos em Londres no fim do ano passado, aceitaram uma proposta britânica de eleições para um parlamento, onde os negros (6 milhões no total) ficariam com 80 cadeiras e os brancos (300 mil) com 20. Mas a jogada imperialista de isolar a Frente Sandinista de Libertação NU, vitoriosa nos campos de batalha, venceu também nas urnas e conquistou a maioria.

QUEM SÃO OS VENCEDORES?

A nomeação de Robert Mugabe para primeiro ministro não significa que a Rodésia tenha sido derrotada de vez pelo imperialismo. Os limites impostos pelo processo eleitoral são muito estreitos. A estrutura militar repressiva racista e colonialista está intacta. Para enfrentar essa situação, Mugabe manteve a frente com a ZAPU, oferecendo ao líder desta, N'Komo, o Ministério do Interior. Também aceitou para a minoria branca discursos conciliadores e até nomeou para a chefia militar do país o homem que comandou a repressão à guerrilha nestes anos todos, Peter Walls. A situação continua instável e as instituições jogam exatamente para se aproveitar deste precário equilíbrio. Para conquistar a verdadeira independência de sua pátria, a ZANU vai ter de percorrer até o fim o caminho que se abriu hoje, de luta intransigente pelos interesses do povo.

Negócios da China

A delegação comercial do governo brasileiro que acaba de visitar a China para um primeiro contato voltou admirada. Um dos seus componentes, Pedro Assunção, dizia ao voltar: "Aprendemos agora que os chineses são gente como nós, têm um senso prático e realista das negociações". Palavras assim, soam como o maior dos elogios para os dirigentes chineses, empobrecidos em sua última palavra em matéria de espírito capitalista do mundo ocidental.

Mas até os negociantes brasileiros ficaram surpreendidos com a "extrema flexibilidade" dos chineses. Não há limites para a renúncia de lucros ao exterior, nem para o controle estrangeiro de empresas. Negócio da China!

Ação Armada no Paraguai

Fram 30 homens armados, que numa tarde de sábado atacaram um ônibus na localidade paraguaia de Caaguazú, a menos de 200 quilômetros da fronteira com o Brasil. Tomaram o ônibus e lutaram em combate com tropas da polícia, matando um tenente e ferindo um soldado. Depois, internaram-se na mata.

O general Alfredo Stroessner, que hospeda em abril seu colega de farda e poder José Baptista Figueiredo, garante que trata-se de "um grupo de assassinos e delinquentes". Mas os moradores de Caaguazú dizem que não são eles quem têm mais de 300 cecias na selva. O exército paraguaio desencadeou imediatamente uma operação de extermínio. Fala-se em sessenta guerrilheiros mor-

tos e enterrados numa vala comum. Continua obscura a origem da ação armada, que teria sido feita por camponeses da "Liga Agrária Campesina" ou a liderança de um certo Vito Centurion, que identificou-se como "peão dos brasileiros". No fundo do problema estava a expansão dos latifúndios brasileiros, que já ultrapassaram a fronteira leste, que já ultrapassaram a fronteira leste, que já ultrapassaram a fronteira leste, que já ultrapassaram a fronteira leste.

A morte que revoltou Belém

A morte do estudante paraense César Moraes Leite, baleado "acidentalmente" por um agente da Polícia Federal, serviu de estopim para mais uma manifestação de repúdio da população ao regime militar.

O clima de revolta contagiou Belém. A Universidade Federal do Pará paralisou imediatamente suas aulas, enquanto alunos e professores apontavam que não era por "acidente" que o agente Jaime Braun arremetia armado nas aulas. Sua função na escola era de estudante profissional, delator e policial. Debuxo de chuva, centenas de universitários do sepultamento de seu colega. O Secretário de Segurança do Estado logo mostrou os dentes, conotando os estudantes por chamando-os de "inpolítica ao fato suspender as aulas na beira". O reitor suspendeu de semana, universidade pelo restante da semana.



Luto e protesto em Belém do Pará

enquanto proibia uma reunião no Diretório Central dos Estudantes. Mas os universitários foram às ruas mesmo assim, cercados pela solidariedade e movida de toda a população numa passeata que envolveu com 500 pessoas para logo ser enfiada por muitas outras. No centro da demonstração, o grande culto: o regime militar, inimigo dos estudantes e de todo o povo.



Parabéns, correspondentes voluntários, nossa seção está plenamente vitoriosa, recebe um número cada vez maior de cartas. Para que todas possam ser logo publicadas continuaremos a insistir para que escrevam curto e grosso e sobre fatos concretos. Continuem a escrever!

Metalúrgico sueco propõe união mundial dos operários

Eu trabalhava na Suécia numa indústria que tem aqui também e participei de uma greve para defender nossos salários. Sei que os donos (das empresas) sempre tentam transferir a produção para outros países quando ocorrem maiores greves. E se os operários realmente conquistam uma situação melhor eles fecham a indústria e vão para um lugar onde os operários são mais explorados ainda. Por isso, eu, como muitos outros operários da Europa, estou bem feliz vendo que a classe operária no Brasil está levantando a cabeça.



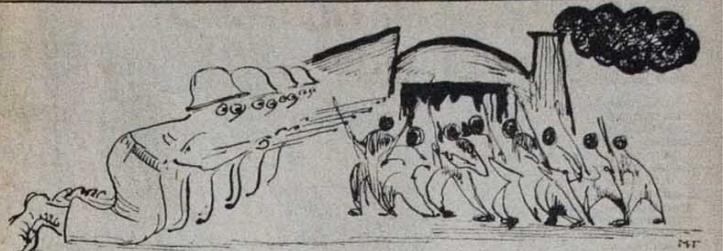
Os capitalistas sempre tentam "resolver" as crises com menores salários e com uma repressão dura sobre os que não cedem. No fim, a única "solução" para eles é a guerra. Como mostra a História, os grandes capitalistas, os imperialistas, começaram a guerra para obter novos mercados, onde possam vender com lucro.

Falem mais dos heróis do povo

Gostaria de registrar o quanto fiquei satisfeito com a reportagem sobre Stalin publicada no exemplar nº 3 deste magnífico jornal. Um jornal operário que visa educar a classe operária para a construção do socialismo em nosso país muito cumpriu seu papel ao nos mostrar a vida deste que foi um dos maiores dirigentes da classe operária no mundo.

Quero aproveitar a oportunidade para sugerir que este tipo de reportagem se repita por ocasião da passagem do aniversário de falecimento de outros grandes líderes operários, como Karl Marx, Engels e Lenin. Gostaria que o mesmo acontecesse com todos aqueles que deram suas vidas na defesa da libertação do povo brasileiro, como Pedro Pomar, Diógenes Arruda, Zumbi, Lampião, Pajeú, Tiradentes, e aqueles que tombaram lutando nas selvas do Araguaia, como Maurício Grabois, Dina, Oswaldo e outros.

No mais, só posso afirmar que finalmente chegou o jornal que tanto a classe operária esperou. (J.F. - Juiz de Fora, MG)



Caterpillar: uma luta para tirar a tristeza

Na greve de novembro de 1979, na Caterpillar sofrermos fechados dentro da fábrica, sem que pudessemos conversar com os colegas. Tanta era a pressão que chegamos até a ser ameaçados: caso alguém falasse em greve seria dispensado sem direito. Um colega nosso chegou a ser ameaçado com um revólver.

Depois disso eles (os patrões) faziam o que queriam. Tramaram contra o pessoal da produção. Inventaram essa meia hora de almoço. Eles tentaram pegar nós de surpresa. Quando foi 9:30 hs eles avisaram que só ia ter meia hora de almoço. Ai teve a revolta. Quando foi 10hs o setor de usinagem parou em protesto. Durante uns minutos a chefia fez uma reunião e voltou a dizer que não dava para mudar mais porque os planos da firma estavam todos marcados. Ai começou a pressão. Antes do almoço os chefes, que são muitos, dizem: "quem não trabalhar perde as horas de sábado, domingo e feriado, e ainda está sujeito a severas punições".

Ha também as comissões de Finanças, Propaganda e Relacionamento com outras entidades, de Secretaria, necessárias ao funcionamento do CECUT onde você pode participar ativamente.

Grande idéia: um centro de cultura do trabalhador

O CECUT, Centro Cultural do Trabalhador, é uma entidade criada por trabalhadores de várias categorias. Tem a intenção de fazer aparecer e tornar conhecida a cultura do trabalhador, seu próprio modo de viver e suas formas de criar, sempre negadas pela exploração das classes dominantes.

As atividades do Centro Cultural do Trabalhador incluem palestras, cursos profissionalizantes e de sindicalismo, seminários, teatro, um grupo de música, um coral e uma biblioteca. E nas atividades que os companheiros poderão fazer o CECUT caminhar no rumo certo.

Amargando a falta de água

O povo pobre de Amargosa vem sofrendo constantemente a falta de água nesta cidade, apesar deste líquido precioso vir da serra por gravidade e não dar despesa à companhia, a não ser quando aparece vazamento nos canos. Tem rua que leva três ou quatro dias sem água. Apesar do alto preço que nós pagamos, não temos água suficiente para as nossas necessidades. Nenhum político reclama em favor do povo para não se incompatibilizar com os dedos-duros.

A impublicável verdade

Me prenderam, me violentaram. Eu maltratado, fui humilhado. Eu era inocente. Mas não era afortunado. Passei miseráveis dias. Passei dias enjaulado. E depois foi condenado. Porque não era afortunado. Todos falam, todos gritam. Mesmo assim são educados. Afastado e calado sou mal-educado. Porque não sou afortunado. Ele é bonito, eu sou feio. Ele é amável, eu sou detestável. Ele é gênio, eu sou debilíde. Ele é afortunado. E a justiça dos homens, que se diz cega. Porque será que para uns enxada? Como é que ela distingue. O doce de uma merda? Essa é a verdadeira verdade. A verdade que se identifica com a nossa luta contra a ditadura. Não será ignorada. (M.A. - Montes Claros, MG)

Onde está Joel?

No dia 19 de março de 1980 completam-se 10 anos do "desaparecimento" do então estudante da Escola Técnica do Rio de Janeiro, Joel Vasconcelos Santos, ex-vice-presidente da União Brasileira dos Estudantes Secundaristas.

Filho de ferroviário, nascido em Nazaré das Farinhas, Bahia, muito cedo se incorporou às lutas de nosso povo, participando das "lutas de 68": a partir daí, participou das mobilizações, ajudou a organização dos estudantes secundaristas brasileiros.

Joel foi preso no Morro do Borel ao lado de Antônio Carlos de Oliveira da Silva, o "Mandakall", única testemunha da prisão, que assim relata a detenção, nas esquinas das ruas São Miguel e Max Fleuss: "Um dia à tarde, encontrei Joel no pé do morro e começamos a conversar. Quando ele me

entregou uns ingressos da peça "Rei da Velá", que estava sendo apresentada na época no Teatro João Caetano, passei por nós um tipo de ronda da Polícia Militar, devagarinho, olhando nos nossos olhos, e o Joel se apavorou. Os caras sentiram, ficaram a volta no quarto e vieram sobre nós. Eu tinha conhecimento da militância de Joel, mas até aquele momento nada sabia sobre os papotes que ele carregava. Quando a polícia passou, ele me disse quase num sussurro: "estou com uns documentos de importância nesse papote..."

Dali foram para a Polícia Militar na rua Evandro da Veiga e de lá para a tristemente famosa Polícia do Exército na rua Barão de Mesquita. Dias depois, Mandakall foi solto e Joel de lá não saiu. Autoridades procuradas pedona Elza, (mãe de Joel) num primeiro momento admitiram a prisão para mais tarde negar sistematicamente que ele tivesse passado pelas dependências policiais.

Joel, dez anos após o seu desaparecimento, continua presente na lembrança de seus companheiros; e o exemplo de seu comportamento de luta hoje é seguido por milhares de brasileiros. E no interior de sua família, Dona Elza Joana dos Santos se constitui em mais uma lutadora pela liberdade, pela anistia ampla geral e irretrita e pela conquista de um Brasil que não sacrifique na longa noite do terror, os melhores filhos do povo. Os companheiros e familiares de Joel permaneceram ao lado de nosso povo, exigindo o esclarecimento deste e de outros crimes e a dos responsáveis. (C.H.T.M. - ex-membro em 68 do Grêmio do Colegio Pedro II - Rio de Janeiro, RJ)



Joel há 5 anos. Última foto

Tendência Popular nos três partidos

Figueiredo, sentindo pressão de todos os lados e principalmente do movimento popular, tentou manobrar a anistia restrita, favorecendo determinadas camadas do movimento popular. Logo depois ele baixa o pocalão da reformulação partidária. Com isto ele tenta dividir a oposição, que se articula em três partidos: O PMDB, o PT e o PTB. (...)

popular dividiram-se nestes três partidos de oposição ao regime. Neste quadro, nós devemos procurar formar a Tendência Popular nos três partidos. Essa tendência popular deve assumir um compromisso com o movimento popular, independente do partido de origem, procurando forjar uma frente popular contra o regime implantado desde 64.

Com a formação da Tendência Popular estaremos superando e afastando as intenções do governo de nos dividir e com isto vamos isolar ainda mais o governo. (J.C. Rio de Janeiro, RJ)



Lutem, amigos posseiros

Lá práns bandas das Gerais Não serião norte-mineiro. Foi chegando a Itapeva E expulsando os posseiros.

E a "Vale do Rio Doce" Do outro lado da serra Impedia os camponeses De cultivar sua própria terra.

Também as coisas nativas, Corpo o coquinho, o sequi Deixaram de existir Por essas bandas daqui.

Essas duas companhias São multinacionais E já vão chegando e expulsando Os posseiros das Gerais.

Vão arrancando os sequeiros Vão levando todo o mel

Vão plantando eucalipto Para fabricar papel.

Lutem por suas terras, Lutem, amigos posseiros E expulsem do Brasil Os parasitas estrangeiros!

(E.X.S. - 13 anos, Montes Claros, MG)

Sigaud, o bispo vigarista



D. Sigaud; a serviço do diabo

A reatão do Vale do Jequitinhonha é considerada uma das mais pobres do mundo e a mais pobre do Brasil. Além da miséria, há doença de Chagas, da esquistossomose, que mata 167 crianças em mil, um monstro vive e continua espalhando sua "sigaudidade" pelo Vale. Ele é dom Geraldo Frença Sigaud, fundador da T.F.P., Tradição, Família e Propriedade, testa de ferro do capital estrangeiro dos monopólios na região. É o bispo do Arquidiocese de Diamantina. É o membro mais conservador da Igreja no Brasil. Além de defender o capitalismo explorador, vive vendo comunistas em todo canto: isto é, aqueles padres ou qualquer pessoa que lute pelos direitos dos explorados.

Chega a ser tão conservador, que abandonou a T.F.P. por achar que estava muito progressista. Vestido como representante de Jesus

Cristo, ele age pro Diabo e ainda tenta impedir que padres do Vale lutem pelo povo. É de dar nojo ver aquele homem vestido de preto e com um anel no dedo, que o povo se ajoelha e beija, pensando que assim venha poder ter as graças do Céu. Ele se esqueceu que em alguma parte a Bíblia fala coisas como: "não matar, não roubar, não prestar falso testemunho", etc. Mas todas essas coisas se tornaram ultrapasadas para ele, que agora anda preocupado com sua Cia. de Reflorestamento, sua tapeçaria e sua colônia de férias. Esta é a sina do Vale: ter um bispo vigarista, que trocou a defesa dos pecados capitais pelo seu devotamento ao capitalismo, que entra no Vale e faz com que nossa gente do campo saia à procura de terra, deixando tanta terra nas mãos dos sigauds imperialistas. (B.P. - Belo Horizonte, MG)

Para a Tribuna melhorar

Desde o lançamento da Tribuna Operária que venho acompanhando com entusiasmo esta nova tribuna de defesa dos interesses dos trabalhadores da cidade e do campo. Porém desejo fazer algumas considerações, ou sejam: que a Tribuna contenha mais ilustrações, inclusive fotos. E finalizando sugiro a criação de um slogan, as sugestões poderiam ser recolhidas junto ao público leitor. (R.M. - Salvador, BA)

"Joga pedra no Maluf, maldito Maluf!"

Alô Tribuna, alô Brasil! Acuenta firme, gente, que nós aqui do Parque Boa Esperança também estamos apoiando vocês da TO. Sei que vocês fizeram uma reportagem sobre a "recepção popular" ao infidélmo Maluf e outros trombadinhas de baixo coturno. Realmente a semana inteirinha aqui no bairro não se falou de outra coisa.

A estória foi a seguinte: o povo daqui soube que Maluf & Cia. iam aproveitar uma missa campal que se realizaria no bairro para poder engraiar a gente. Ai se começou a discutir como receber este maldito. Depois de um debate livre se decidiu que o negócio era escrever uns lemas contra a mudança da Capital e outros roubos (...) E cantar uma paródia "Joga pedra no Maluf! Ele rouba qualquer um Maldito Maluf". Como o jacaré não veio, não cantamos.



No outro dia se resolveu que a gente devia questionar a mudança da Malufada e seus sequazes (...) Terminada a missa campal o povo pediu a palavra; e quando começou a questionar a "ausência dessas autoridades que não respeitam nem suas palavras", um puxa-saco (e pra dar nome aos bois, ou melhor, às vacas do Maluf, esse se chama Francisco Alcântara, da Sociedade Amigos do Bairro), veio e cortou os fios do microfone. Mas existia ainda um

outro aparelho de som e o povo dele se apossou e rasgou a cartilha. Os outros "puxas" ainda tentaram intervir e cortar esse outro aparelho, ao que o povo avançou sobre esses agressores. Uma mulher empurrou o fraste e perguntou se ele queria apanhar. Foi um corre-corre, mandaram a polícia intervir, mas essa viu que o povo além de não querer banquiar o coreto estava organizado; por isso não houve pancadaria.

Estava me esquecendo: o Maluf

Embu: fábricas não cumprem a lei

Há várias firmas metalúrgicas e outras que se mudaram de São Paulo para Embu, Guaruá, para fugir ao pouco da lei e dos movimentos. Elas fazem o que querem porque os operários não têm condições de se unirem e fazer qualquer movimento.

Inclusive, em uma firma que eu trabalho, por uma mínima coisa eles (os patrões) chamam a atenção dos funcionários, dão suspensão, carta de advertência e mandam embora sem direito a nada. Esta é minha declaração. (P.B. - M'Boi Mirim, SP)



PM em ação; contra o povo, seja de que idade for.

Todos exploram os pescadores

Quero aqui em Minas fazer uma denúncia sobre o que está se passando lá em Canoa Quebrada, município de Aracati, Ceará. Pois talvez os companheiros de Fortaleza ainda não tenham conhecimento do que se passou e do que continuam a passar os pescadores de lá. Devido à sua beleza, Canoa recebe muitos estudantes do Rio, São Paulo e outras capitais e do estrangeiro, que vão para lá e ficam na casa dos pescadores, comendo e bebendo de graça, sem lhes dar nada em troca, nem os seus conhecimentos de medicina, engenharia, etc. que poderia ajudá-los na vida miserável que vivem.

No ano passado, por exemplo, a polícia de Fortaleza foi lá dando pau, dizendo que estava procurando maconheiros. Levaram três pobres velhos pescadores. Ameaçaram e pressionaram eles para falarem sobre pessoas que iam em Canoa. Depois de todo esse sufoco, soltaram eles no centro de Fortaleza, onde nunca tinham ido. Com muita dificuldade conseguiram voltar para Canoa Quebrada. Então, companheiros de Fortaleza, é preciso ajudar essa gente boa, que são os pescadores de Canoa. (...) Segundo informações recentes que tive, a indústria turística entrou lá de sola, e vai construir um hotel. Se isso acontecer, vai fazer todos os pescadores trabalharem para a empresa construtora e o capitalismo se espalhará pela aldeia, que outrora era de paz e beleza. (B.P. - Belo Horizonte, MG)

Juiz de Fora: polícia espanca crianças

No dia 4 de fevereiro, quando regressavam da partida final do Campeonato Amador de Futebol, torcedores do Bonsucesso foram interceptados por um micro-ônibus da PM, ordenando que os torcedores descessem do caminhão que os transportava, já que é proibido transportar pessoas em carrocerias abertas. Alguns policiais subiram na carroceria a fim de tornar mais rápida a descida dos torcedores. Estes, obedecendo às ordens, começaram a pular para o chão e traçoicamente eram espancados quando caíram próximos aos policiais armados de cassetetes e com revólveres em punho.

O restante da caravana de torcedores que vinha mais atrás em veículos parou. E assim desceu para a cena o seu presidente, Sr. Osvaldo Nunes Almeida. "Vi o caminho espancado as crianças, num dos maiores absurdos que lá presencié em minha vida. Não mediam esforços em aplicar dezenas de gol-

pes com os cassetetes, sempre visando atingir o corpo das crianças que, infelizes, saíram correndo, tentando alcançar o rio Parabuna, onde talvez ficassem a salvo do espancamento".

A diretoria do Clube denunciou esta arbitrariedade no Batalhão de Polícia, cuja comandante prometeu abrir inquérito. Resta saber como se desenvolverá o processo; pois quando um estudante foi covardemente assassinado no ano passado, por um soldado da polícia, o inquérito foi aberto, mas o processo está em "banho-maria".

Este caso demonstra como a população de Juiz de Fora vive num total clima de insegurança devido às arbitrariedades policiais que aumentam dia a dia, destacando-se hoje as arbitrariedades de agentes da Polícia Federal cometidas nos bairros de periferia contra trabalhadores, a pretensão de "identificação de cassetetes" (Grupo de amigos da TO em Juiz de Fora, MG)

Pinga pode, leite não

Venho dizer algumas reclamações sobre a "firma Turismo São Bernardo S/A (rua Alvaro Alvim, 241, São Bernardo do Campo).

Primeira reclamação: O sr. Antônio Maria, sogro do dono, chefe da funerária e pintura e aposentado da Mercedes Benz do Brasil por invalidez, não é registrado na firma!

Segunda reclamação: Entram na SABETUR de 10 a 15 litros de pinga por dia nas seções de funerária e pintura. Responsáveis: Chico do Peceiro, Amaro Pintor, Antônio Maria, chefe, etc.

Terceira reclamação: Fomos mandados embora porque estamos tomando leite com pão e manteiga. Favor investigar. (J.P. e A.P. - São Bernardo, SP)

Sofrimento do pobre

A terra é de quem trabalha a pobreza tem razão. Nos vinte e três Estados vai ter a renovação para quebrar este muro e trazer libertação.

Os operários e lavradores estão passando estreito por isso se resolveram a pagarem no seu ato vamos juntos trabalhar para defender nossos direitos.

Com a lei do sindicato e a força da união nós vamos quebrar este muro que oprime os irmãos quero um mundo de justiça que não tenha exploração.

Isto eu falo de verdade vocês podem observar os pobres não tem valor quase não tem onde morar

se continuar assim aonde vamos parar?

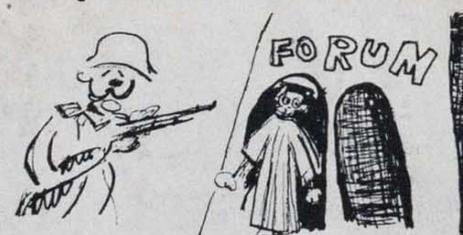
Para o pobre está difícil não tem colocação não pequeno sem valor rejeitado por patrão trabalhamos a vida inteira e não fazemos o pão. Para o senhor eu vou dizer como o povo está vivendo. Igual ao peixe do rio o grande enrole o pequeno muitos não podem viver então procuram veneno.

Meu coração está doente de tanto eu ter pensado no que está acontecendo com os pobres dos agregados por causa da pressão estão vivendo apertados.

(M.P.S. - Bela Vista, MA)

Fazendeiro mata trabalhador como se fosse passarinho

Estamos precisando de reforma agrária e também de lei no Brasil. A polícia em Guanambi não está mais preocupada em pegar criminosos. O delegado, quando está precisando de dinheiro, fica olhando para o mundo e pedindo ao Diabo que um adversário mate outro, e que o assassino volte 48 horas depois, para não ter flagrante, e que apareça logo um advogado que aceite a questão e divida o dinheiro da questão com ele, o promotor e o juiz. Assim é em Guanambi, onde ricos fazendeiros podem matar trabalhadores como se fossem passarinhos.



Aqui tem um político por nome de Nengo que matou um pobre operário e antes de matar avisou o delegado que lá matar um adversário. Oscar Teixeira levou oito vagabundos numa fazenda e lá matou um trabalhador rural, pai de família, por causa de R\$ 7,000,00

que o trabalhador cobrou uma dívida do fazendeiro. Resultado: o criminoso não sofreu nada e a família do trabalhador ficou na miséria. Estas cenas são as memórias do sertão da Bahia e do Brasil. E por isso que precisamos de reforma agrária e lei no Brasil. (Um trabalhador rural de Guanambi, BA)

Aqui não há justiça

Em Esperantinópolis não existe justiça. Cada aqui, só para gente pobre. Um pobre matou outro no Sr. Roberto; estavam bêbados; o pobre foi pego, amarrado e jogado numa cachimbeira. Levaram ele para os pescadores de Canoa. (...) Segundo informações recentes que tive, a indústria turística entrou lá de sola, e vai construir um hotel. Se isso acontecer, vai fazer todos os pescadores trabalharem para a empresa construtora e o capitalismo se espalhará pela aldeia, que outrora era de paz e beleza. (B.P. - Belo Horizonte, MG)

Chega de truques, Bardella!

Baiano, anda pelo município junto com um pistoleiro, Chico Guarda, sem ter nada contra eles.

A nossa classe está sendo perseguida e o prefeito Auliano Carneiro só quer voto do povo. Quando é pra defender esse povo, ele fica de lado dos grileiros, dando todo apoio na cidade. Só a família dele que é bem servida, os parentes podem fazer o que bem entender, vivem todos às custas da prefeitura. Tem deles que só recebe o ordenado no fim do mês. Outros estão enriquecendo à custa das verbas que

deviam ser a serviço do povo. Os lavradores estão perseguidos por grileiros, pistoleiros que na cidade recebem toda cobertura dos políticos. Aqui, não se tem valor quando chega perto das eleições: ai nós somos abraçados. São mesmo que lobos, pensam que nós enganamos com o registro da política. Aqui, não se tem professora está ganhando Cr\$ 450,00 por mês. Até quando a gente vai ser vítima desses lobos? (Um lavrador de Esperantinópolis, MA)

Você acredita que vivemos numa democracia?

Na democracia o povo eleje seus governantes

Na ditadura os governantes são nomeados

Na democracia os trabalhadores têm direito a greve

Na ditadura os trabalhadores são reprimidos ao fazê-la

Na democracia o lar é inviolável

Na ditadura ele é invadido

Na democracia existem todos os partidos políticos

Na ditadura os existentes são nomeados

Na democracia combate-se a corrupção

Na ditadura praticam-na

Na democracia existe escola para todos

Na ditadura só para quem pode

Na democracia os sindicatos são livres

Na ditadura são interditados

Na ditadura a imprensa é livre

Na ditadura é bloqueada

Na democracia o povo se manifesta nas ruas

Na ditadura as manifestações são contidas por bombas

Na ditadura explorador está na cadeia

Na ditadura explorador está no poder

Na ditadura se respeita o parlamento

Na ditadura alicia-o

Na ditadura há participação

Na ditadura há perseguição

Na ditadura respeita-se a eleição

Na ditadura propõe-se a prorrogação

Na ditadura a terra é do possessor

Na ditadura é do grileiro

Na ditadura respeita-se a Constituição

Na ditadura pratica-se cassação

Depois dessas você ainda acredita que nós vivemos numa democracia? (J.A.M. - Presidente Prudente, SP)

Negócio de Dona Sara é Monumento

(...) Dona Sara está viajando na sua peregrinação por todo o Brasil à cata de níqueis para sua campanha em prol do monumento "Memorial J.K.". Grande campanha de utilidade pública?

Dona Sara já se esqueceu do leite que matava a fome de milhares de crianças pobres. Os postos de puericultura que ela criou foram destruídos. Mas, o que fez dona Sara para reerguer estes postos? O que ela fez para amamentar as crianças que tantos votos deram para Juscelino naquela época ser governador de Minas Gerais?

E, o negócio e ostentação. (...) O negócio agora é monumento. As favas as crianças morrendo de fome, não é, dona Sara?

Dona Sara não dará mais leite para as crianças porque hoje ela não precisa de votos.

Essa é campanha de caridade para monumento de Juscelino lá por fora. (...) Só faltava essa no Brasil! (J.B. - Montes Claros, MG)

Mais uma vez é comprovado que a política do governo não é favorável a classe operária, pois está sendo massacrada, explorada, mesmo um grileiro e criminoso matou um jovem filho de lavradores e não teve nem um dia de cadeia. O criminoso, por nome

favor do operário em geral e que em sua empresa há um clima arduo de "abertura" e "democracia". Porém observamos que esse indivíduo distorceu um pouco os fatos e que seus atos são incoerentes com sua "filosofia". Esse empresário não chega a ser tão liberal como diz, senão o fantasma das pessimas condições salariais, alimentares, e de reivindicações não estaria solto por lá.

Outro fato que colocamos em dúvida a idoneidade deste burguês é a

maneira com que os elementos que participaram da campanha salarial de 1979 estão sendo aos poucos demitidos. Elementos estes que realmente necessitam de um salário mais digno, o que os força a reivindicações que são colocadas injustamente como ilegais. E aos poucos nos vemos situados num espaço medíocre, causador de um clima passivo e fechado entre os trabalhadores e cada vez mais lucrativo para o patrão. (L.T.D. - Guarulhos, SP)

